

PAPUSZA: UMA PÁRIA SOCIAL

PAPUSZA: A SOCIAL PARIAH

Bruno Almeida de Sousa **1**

Resumo: A presente resenha busca discutir a obra cinebiografia *Papusza*, suas interpretações e possíveis contribuições para o meio acadêmico e reflexões sobre as temáticas abordadas. Pretende expor a trajetória da poetisa cigana *Papusza* e juntamente com isso um pouco da história cigana do século XX. A obra traz diversas aberturas para possíveis campos de pesquisa e temáticas para a reflexão que perpassam gênero, trabalho, educação, minorias entre outros.

Palavras-chave: *Papusza. Pária. Ciganos. Cinema. História.*

Abstract: The present review seeks to discuss the cinematographic work *Papusza*, its interpretations and possible contributions to the academic environment and reflections on the themes addressed. It intends to expose the trajectory of the gypsy poet *Papusza* and, along with this, some of the gypsy history of the 20th century. The work brings several openings for possible fields of research and themes for reflection that permeate gender, labor, education, minorities, among others.

Keywords: *Papusza. Pariah. Gypsies. Cinema. History.*

PAPUSZA. Direção: Joanna Kos-Krauze e Krzysztof Krauze. Polônia: Argomedia Sp. zoo.; Polish Television – Film; Agency (coprodução); Canal+ (coprodução); KADR (coprodução). 2013. (126 min).

Krzysztof Krauze e Joanna Kos-Krauze naturais da Polônia trabalharam juntos como diretores e roteiristas em *Praça do Salvador* (2006), *Papusza* (2013) e *Pássaros estão cantando em Kigali* (2017). Foram casados até dezembro de 2014, quando Krzysztof Krauze faleceu. Um de seus filmes mais conceituados é o monocromático *Papusza*.

A obra relata de forma não-linear a biografia da poetisa Bronislawa Wajs, conhecida como *Papusza* (Boneca). Acompanhamos seu nascimento e crescimento numa comunidade cigana na Polônia da década de 1910 até sua condição de pária.

O filme analisado de uma visão macro além de relatar a vida da poetisa traz consigo também pinceladas da história cigana no século XX. É demonstrado a relação dos ciganos, com os *gadjs* ou os não-ciganos. Existia um preconceito recíproco dos ciganos e não-ciganos.

Era evidente a repressão do Estado quanto ao estilo de vida livre dos ciganos. Os ciganos são nômades e trabalhavam com apresentações de música, dança e previsões nas cidades por onde passavam. Alguns acreditavam que podiam falar com o Diabo e ter envolvimento com artes ocultas. Da mesma forma, *Moscovici* explica que: “À semelhança dos judeus, os ciganos são considerados “nação daninha de mendigos e ociosos”, quase um elemento satânico da sociedade.” (2009, p. 664). Por esses motivos, os ciganos eram constantemente perseguidos pelo Estado polonês. Em determinada cena, um agente policial interrompe uma das apresentações do grupo e os tipificam com as seguintes acusações: “Acampamento em local público. Nenhuma luz nas caravanas. Perturbando a segurança no trânsito. Sem extintores de incêndios.” (*Papusza*, 2013), multando-os em 500 zloty, um valor exorbitante. A desproporcionalidade da pena é um indício da rejeição estatal contra os ciganos. O Estado buscava impedir as caravanas e estabeleceu que os ciganos deveriam trabalhar e suas crianças irem para a escola, além da realização de um censo para averiguação real do número de componentes da etnia, em troca forneceria moradias para a fixação de residência.

Saindo de uma visão macro e adentrando os contornos da vida da poetisa cigana, o nome *Papusza* foi rejeitado imediatamente pelas parceiras, uma delas, ao abençoar a criança, prevê que “quando crescer, ela será uma grande dama ou uma grande vergonha” (*Papusza*, 2013). *Papusza* na infância pedi para uma judia ensiná-la a ler, a mulher responde que “Educação custa caro. Você pode pagar?” (*Papusza*, 2013), mas de qualquer forma a ensina. Interessante que essa frase analisada em um contexto amplo na história da cigana tem maior impacto, pois, as maiores consequências de sua vida surgem pela instrução que recebeu. Isso não se prova apenas na infância onde era espancada e tinha seus escritos queimados por tentar aprender a ler, mas também no futuro quando é excluída pela sua comunidade por seus poemas.

Papusza na juventude começa a frequentar eventos que os ciganos tocavam, lá se previa o futuro dos convidados. O cigano *Dionizy Wajs* começa a demonstrar interesse pela garota, e posteriormente eles se casam. Eles têm um casamento infeliz e *Dionizy* é abusivo, até que na caravana chega *Jerzy Ficowski*, um poeta que fugiu para a comunidade porque tinha contra ele um mandato de segurança emitido pela segurança do Estado, por assassinato. *Ficowski* ganha de imediato a simpatia das crianças, mas a comunidade em geral desconfia de suas intenções e algumas mulheres, incluindo *Papusza*, vasculham os objetos pessoais dele, porque acreditam que o mesmo era ou um tira, ou alguém que jogará feitiços na comunidade. *Ficowski* descobre a aptidão de *Paupusza* para poesia e após isso tem seu mandato cancelado e deixa a comunidade.

A partir disso, *Papusza* e seu marido deixam a comunidade pela insistência do Estado e também para cuidar da educação de seu filho. *Papusza* escreve poemas para *Ficowski* que envia a um editor, o Sr. *Tuwim*. Este publica os poemas de *Papusza* e oferece a *Ficowski* a oportunidade de publicar um livro sobre os ciganos. Eles conversam sobre a condição dos ciganos e *Ficowski* explica que filósofo alemão *Husserl* foi um dos responsáveis pelo preconceito contra a etnia. O fenomenologista afirma que “No sentido espiritual, é manifesto que os domínios ingleses, os Estados Unidos, etc., pertencem à Europa, não, porém, os esquimós ou os indianos das exposições nas feiras anuais ou ainda os ciganos, que perpetuamente circunvagavam pela

Europa.” (HUSSLERL, 2014, p. 120). Assim Husserl ajudou a incluir no imaginário não só teórico, mas também popular a ideia de ciganos párias e incapazes de integrar a sociedade europeia.

O livro de Ficowski tem o título de “Ciganos Poloneses”, e traça a história da etnia desde a Índia até quando se esconderam dos alemães, além de suas observações sobre o tempo na caravana, tinha por objetivo por fim ao preconceito contra ciganos. Papisza ganha dinheiro com as publicações e Wajs consegue uma permissão para atuar no país inteiro. Antes da efetiva publicação dos livros Papisza pede que sejam queimados, mas Ficowski defende ser seu trabalho e os publica.

A repercussão da publicação na comunidade cigana foi devastadora e uma reunião foi convocada, pois, o grupo entendeu a obra como uma traição tanto de Papisza quando o gadjô porque revelava segredos da comunidade. Wajs se irrita e diz para Papisza que: “Você não cortou a língua, agora sua língua vai cortar nossas cabeças.” (Papisza, 2013). Papisza enlouquece acredita que está amaldiçoada, e acaba num sanitário em 1971.

Posteriormente já na velhice, o filme nos mostra Papisza e seu marido. Ela se transforma numa pária social. Ela “não pode mais fazer previsões, nem roubar” (Papisza, 2013). Torna-se invisível para comunidade, ao ser reconhecida é expulsa e xingada. Torna-se um alvo. Os ciganos foram, como já dito acima, considerados não europeus, ou seja, excluídos, a personagem da trama sofre, por sua vez, uma dupla exclusão, nem seu povo, nem os gadjôs estão ao seu lado, é uma pária duplamente social.

Considerações Finais

A obra é tecnicamente impecável, a fotografia e a não linearidade ganham vida diante de um enredo simples. A filmagem em preto e branco vai gradualmente saindo da natureza, com vastos campos cortados pelas caravanas e adentra as cidades. Os tons monocromáticos reforçam os riachos, a comunidade cigana, suas barracas, fogueiras, os animais e as plantas. A beleza estética se contrapõe sobre os sofrimentos da vida da poetisa marginalizada.

Considerando os aspectos apresentados, o cinema é um meio e assume formas diferentes de transmissão de mensagens. O filme traz consigo diversas aberturas de campos de pesquisa e temáticas para a reflexão, alguns deles, a título de exemplo, são o estudo das culturas e relação entre grupos étnicos diferentes, a reprodução da impressão criada por grupos étnicos distintos, a influência da educação básica, a violência contra a mulher no contexto histórico, a culpa e repreensão feminina, literatura feminina, párias, exclusão em minorias étnicas, além dos impactos de publicações perigosas.

Referências

HUSSERL, Edmund. **Europa - Crise e Renovação**. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitário, 2014.

PAPUSZA. Direção: Joanna Kos-Krauze e Krzysztof Krauze. Polônia: Argomedia Sp. zoo.; Polish Television – Film; Agency (coprodução); Canal+ (coprodução); KADR (coprodução). 2013. (126 min).

MOSCOVICI, Serge. Os ciganos entre perseguição e emancipação. **Soc. estado.**, v. 24, n. 3, p. 653-678, 2009. Disponível em: <https://bitly.com/pEctC>. Acesso em: 03 Jun. 2021.

Recebido em 26 de abril de 2020.

Aceito em 23 de agosto de 2021.